

O cartógrafo da nova era

Os mapas possuem presença marcante na vida de todas as sociedades humanas. Com a expansão global da Europa, a cartografia moderna conquistou hegemonia indiscutível em razão da crescente capacidade de mando dos ocidentais, da técnica à política, das armas à economia, dos códigos culturais aos mapas.

Dentre os nomes de citação obrigatória na história da cartografia, se impõe o de Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, ou Visconde de Santarém, título concedido por D. João VI em 1818. Distinguindo-se pela vivacidade intelectual e pela capacidade de inventariar dados e informações, pendor apoiado numa memória prodigiosa, estes atributos garantiram a Santarém posições de destaque no Estado Português. Intelectual dotado de saber enciclopédico, o Visconde sobressaiu-se nos estudos de historiografia portuguesa, campo em que se tornou renomado especialista. De mais a mais, foi grande conhecedor de paleografia e diplomática, também atuando na nobre função de guarda-mor da Torre do Tombo de Lisboa, como diplomata em diversos países e em associações de geografia por toda a Europa. Em especial, colaborou com a Sociedade de Geografia de França (SGF), fundada em 1821, a primeira e mais importante instituição europeia e mundial dedicada à geografia. Sendo um dos raros estrangeiros aceitos pela SGF, Santarém ocupou na agremiação as mais altas funções, tanto pela extraordinária sabedoria, como por conhecimentos adquiridos das muitas terras que conheceu, inclusive o Brasil, para onde seguiu com a vinda da família real em 1807, aqui permanecendo até 1819. Nota importante reporta ao neologismo criado por Santarém: a palavra cartografia, inventada pelo sábio, que pouco a pouco veio a substituir o termo cosmografia, que até então, definia o estudo e a confecção de mapas (Em inglês, a palavra é impressa pela primeira vez apenas em 1859, três anos após a morte do Visconde).

A paternidade do novo termo é irrefutável. Car-



**MAURÍCIO
WALDMAN**

ta de Santarém enviada em 1839 ao historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagem, registra: “Do mesmo modo a questão concernente à cartografia (inventado esta palavra já que ali se tem inventado tantas), a cartografia mesma do século XVI he muito importante e muito difícil”.

Decano do estudo sistemático de história da cartografia, Santarém baseou seus estudos da evo-

lução dos mapas pesquisando mais de 180 peças em 300 bibliotecas europeias. Recuando no tempo, Santarém apenas se deu por satisfeito quando estudou mapas do Século VI, com o que julgou encerrada sua missão.

Note-se que estas pesquisas requereram longas travessias por todo o continente, a cavalo, em carruagens e navios a vela, assim como uma complexa rede de contatos acadêmicos cultivados pelo mestre português, dentre os quais despontavam gênios da Era Iluminista como Alexander Von Humboldt. Seria meritório comentar que o árduo trabalho de Santarém foi desenvolvido nas precárias condições da época, quando nem se sonhava com lâmpadas, celulares, fotografia, técnicas de digitalização, disponibilização on line, email ou wathsApp. Deste labor surgem três magníficos Atlas com mapas medievais e dos Séculos XVI-XVIII, e número assombroso de documentos de Estado, obras que prazerosamente, o autor deste artigo pode conferir na Biblioteca Mário de Andrade, na capital paulista, sempre amparado pela Sra. Joana Andrade, Chefe da Seção de Obras Raras desta instituição pública.

As obras do Visconde são verdadeiros monumentos cartográficos, magnetizadas por visões contemporâneas de ciência, emprestando à cartografia histórica sólida base científica. Santarém, prócer da Cartografia, foi um dos que primeiramente pautaram a modernização cartográfica, deixando para trás a cosmografia dos antigos.

Grande nome do mundo de língua portuguesa, Santarém é digno de respeito, admiração e de recordação emérita. O mínimo a ser devotado a um grande mestre.

MAURÍCIO WALDMAN É JORNALISTA E PÓS DOUTOR EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS PELA USP, AUTOR DE 18 LIVROS E 700 ARTIGOS, PAPERS E RELATÓRIOS DE CONSULTORIA.

/ OS TEXTOS ASSINADOS PELOS ARTICULISTAS NÃO TRAZEM A OPINIÃO DESTA FOLHA.

Mais artigos do colunista Maurício Waldman no jornal O Imparcial

CLIQUE AQUI